

A CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS* NO BLOG: O TEXTO JORNALÍSTICO EM FOCO

Cirlei Izabel da Silva PAIVA⁸¹

Sandro Luis da SILVA⁸²

Resumo: Reflete-se sobre a constituição do *ethos* discursivo em um *blog*, considerando o caráter dialógico deste gênero, que proporciona a participação do leitor em sua construção por meio de uma prática discursiva. Foi escolhido um artigo de opinião veiculado no *blog* de Guilherme Scalzilli, o qual dialoga com um texto da *Folha de S.Paulo* (10/06/2009) sobre a presença da polícia militar na USP, em junho/ 2009, e os comentários dos leitores. A análise evidencia que o texto e o comentário dos leitores caracterizam o *ethos* dos autores, revelando a ideologia de cada um. O estudo está pautado em Bakhtin (2003), Maingueneau (2003, 1993), Fiorin (2003), Komesu (2005) e Koch (1998).

Palavras-chave: *Blog. Jornal. Ethos. Formação Discursiva.*

Abstract: *This paper reflects on the constitution of ethos narrated in a blog, considering the dialogistic character of this genre, which provides the participation of the reader in its construction through a discursive practice. An opinion article has been chosen from William Scalzilli's blog, in which he discourses with a text from Folha de Sao Paulo (10/12/2009) about the presence of the military police at USP, June/ 2009 and the readers' comments. The analysis shows that the text and the readers' comments characterize the ethos of the authors, revealing each one's ideology. The study is based on Bakhtin (2003), Maingueneau (2003, 1993), Fiorin (2003), Komesu (2005) and Koch (1998).*

Keywords: *Blog. Newspaper. Ethos. Discursive Formation.*

Considerações Iniciais

Não há como contestar que mudanças significativas ocorreram, de uns anos para cá, nas relações sociais, as quais se traduzem em formas de interação social entre os

⁸¹ Departamento de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), São Paulo, Brasil, ciluvictor@ig.com.br

diferentes indivíduos nos mais variados grupos sociais. O cidadão convive com uma dinâmica cada vez mais acentuada das transformações sociais, políticas, econômicas, culturais, configurando um novo cenário a cada momento. Se pensarmos historicamente no processo de comunicação, podemos afirmar que o homem procurou nas diferentes fases do seu processo de desenvolvimento comunicar-se, seja na pré-histórica por meio de gestos e da arte rupestre, seja na Antiguidade por meio do teatro, seja no Mundo Contemporâneo pelos infinitos meios de comunicação que estão presentes em nosso cotidiano. Podemos afirmar que o processo de comunicação sempre esteve presente na vida humana, que através dele o homem vivenciou diferentes situações que revelaram descobertas, misérias, conflitos, ou seja, momentos em que se construiu uma imagem do cidadão pelo outro.

A cada cenário que se constrói a partir das relações interpessoais, é possível constatar como se processa a comunicação e, nesse sentido, o avanço tecnológico trouxe mudanças significativas nas formas de construção e transmissão das mensagens. Muitas são as formas de comunicação que se configuram na sociedade. Levando-se em consideração esse novo contexto, é lícito afirmar que o processo comunicacional objetiva a interação entre os sujeitos. A comunicação se processa por meio da linguagem, que procura atender diferentes situações de enunciação. Dentre essas, podemos citar aquela que ocorre por meio das novas tecnologias digitais, as quais vêm transformando e ampliando as possibilidades das práticas discursivas.

A *internet* promoveu um novo ambiente para a interação social, facilitando uma comunicação *on line* e instantânea, diminuindo distâncias, permitindo trocas de arquivos, enfim, uma comunicação do indivíduo com o mundo. Ela promoveu um maior fluxo de informações na sociedade, disponibilizando, como dito anteriormente, diversas formas de ver e viver a comunicação social, interagindo com os pares e, conseqüentemente, com a realidade. Sem dúvida, esse fato leva o ser humano a (re)pensar e (re)definir as relações sociais, assim como a imagem que o homem constrói de si e do outro com quem interage.

Esse processo de comunicação passa a cada dia por transformações revolucionárias. Várias são as ferramentas que a *internet* oferece para o homem se comunicar: *emails*, *blogs*, *msn*, *orkut*, dentre outros. O *blog*, por exemplo, que, a partir

⁸² Departamento de Educação da Universidade Nova de Julho (UNINOVE/SP), São Paulo, Brasil, vitha75@gmail.com

de 2000, invadiu a internet como um novo gênero, caracterizou-se, naquele momento, como mais uma nova forma de as pessoas se comunicarem e está presente ainda hoje na sociedade, constituindo-se em uma rede social. Este gênero textual visa a um “fazer ver e ser visto” por diferentes interlocutores. Trata-se de um gênero por meio do qual se imagina tudo dizer. É a busca do outro e, nessa busca, o autor sujeita-se a tudo. O *blog* é uma mistura de algo genial e criativo, de maluco e visionário. O indivíduo se mostra ao seu interlocutor, permitindo que este construa uma imagem do outro a partir do discurso constituído no/pelo texto.

Segundo Komesu (2005), os *blogs* são efeitos de poder de uma sociedade que positiva suas ações na consolidação da ideia de liberdade de expressão do indivíduo, que tudo pode falar a respeito de uma faceta íntima de sua personalidade em público.

Poderíamos, então, nos perguntar: mas, afinal, o que é um *blog*? A definição clássica afirma que é um diário mantido por qualquer um na *internet*. Segundo reportagem da *Revista Época*, de 07/08/2006, edição nº 428, “a palavra parece ter surgido pela primeira vez em 1997, quando o internauta John Barger chamou seu diário pessoal na rede de “*weblog*”, algo como “registro na web”. Em 1999, outro navegante resolveu fazer uma brincadeira. Quebrou o termo em dois, para gerar o trocadilho “*we blog*”, ou “nós *'blogamos'*”. Aí a palavra “*blog*” pegou”.

O *blog* passou a ser sinônimo de qualquer diário ou registro mantido na internet. O internauta vai lá, escreve um texto, publica uma foto, um filme e põe *links* para o que mais julgar interessante na rede.

Em relação ao discurso, recorreremos a Bakhtin (2003), para quem todo discurso não é obra fechada e acabada de apenas um indivíduo; ele se constitui em um processo heterogêneo, encontro de discursos entre “eu” e “tu”. Estabelece-se uma relação dialógica entre discursos, o que caracteriza a heterogeneidade discursiva.

Nos limites deste texto, o discurso será entendido como toda atividade de comunicação de um locutor, numa dada situação enunciativa, englobando não só o conjunto de enunciados por ele produzidos em tal situação, como também de seu interlocutor, num determinado “aqui” e “agora”.

Em relação ao *ethos*⁸³, Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 220) consideram que o termo emprestado da retórica antiga designa

A imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário. Essa noção foi retomada em ciências da linguagem e, principalmente, em análise do discurso no que se refere às modalidades verbais da apresentação de si na interação. O *ethos* faz parte, como o *logos* e o *pathos*, da trilogia aristotélica dos meios de prova. Adquire em Aristóteles um duplo sentido: por um lado designa as virtudes morais que garantem credibilidade ao orador, tais quais a prudência, a virtude e a benevolência; por outro, comporta uma dimensão social, na medida em que o orador convence ao se exprimir de modo apropriado a seu caráter e a seu tipo social. Nos dois casos trata-se da imagem de si que o orador produz em seu discurso, e não de sua pessoa real.

Levando-se em consideração a passagem transcrita acima, é possível inferir que no *blog* o locutor leva seu interlocutor a construir uma imagem do locutor por meio do discurso que é elaborado na interação entre eles.

Vale lembrar que, segundo Maingueneau (2010, p. 80), “para mostrar como, num mesmo movimento, a enunciação constrói certa ‘imagem’ do locutor e configura um universo de sentido que corresponda a essa imagem”. O locutor acaba por valer-se de determinadas estratégias de comunicação, seja por meio da linguagem verbal, seja por meio da não-verbal.

O produtor de um texto busca, (in)conscientemente, persuadir o seu interlocutor, a fim de que este venha a aderir à ideia colocada no texto. Nesse sentido, o *ethos* discursivo – do qual tratamos neste artigo – exerce um papel fundamental para além do enunciado; é com o sujeito apreendido em seu movimento, em seu estilo pessoal que o interlocutor entra em contato com o produtor, por meio do texto, aderindo (ou não) às ideias do produtor do texto.

O objetivo deste trabalho é refletir sobre as práticas discursivas constituídas no artigo de opinião, postado no *blog* do articulista Guilherme Scalzilli, no qual ele comenta o conteúdo de uma notícia veiculada pela *Folha de S. Paulo*, em 10 de junho de 2009. Procuramos analisar a constituição do *ethos* do autor do *blog* e de seus leitores,

⁸³⁸³ Respeitando os limites deste trabalho, vamos nos ater à concepção de *ethos* discursivo, tendo em vista que nosso olhar recai diretamente sobre a Análise do Discurso, embora tenhamos consciência da complexidade que este termo assume, como, por exemplo, em termos filosóficos.

por meio das postagens feitas no nesse suporte, no qual se registram três comentários sobre o artigo do Scalzilli.

Dialogando com a teoria...

Para este trabalho, utilizou-se o método de revisão da literatura, dentro de uma abordagem qualitativa, o que exigiu leituras prévias sobre a temática que se pesquisou.

Segundo Silva (2003, p.56), esse método pode contribuir da seguinte maneira:

A fundamentação teórica ilumina o problema com a discussão de novos enfoques, dados, informações, esclarecendo melhor a matéria em exame. São os suportes teóricos que sustentam o problema. Há pontos convergentes e divergentes encontrados em livros e artigos de revistas que tornam a investigação mais dinâmica; por isso, a revisão é discussão do que foi encontrado.

É indiscutível o crescimento da internet nos últimos anos, com um funcionamento e estrutura bastante diferente da lógica dos “mas media” que floresceram e prosperaram no século XX. Por meio dessa ferramenta, desenvolveram-se possibilidades de relações humanas numa perspectiva multidirecional.

Dado esse novo contexto em que se configura a Era da Informação, nosso olhar recai, como dito anteriormente, para o estudo do *blog*, na tentativa de evidenciar que neste gênero textual o indivíduo também leva o interlocutor a construir o *ethos* do enunciador por meio de um diálogo.

Para Bakhtin (2003), a linguagem é interação social. O sujeito, ao se manifestar, deixa em seu texto marcas profundas de sua realidade, de sua ideologia e, conseqüentemente, daquela do grupo a que pertence, de seu núcleo familiar, de suas experiências, além de pressuposições sobre o que o interlocutor gostaria de receber, levando-se, sempre, em consideração o contexto em que está inserido, sua ideologia, sua visão de mundo que interfere (in)diretamente na produção de seu discurso.

De acordo com Fiorin (2003, p. 32),

A cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo. Essa formação discursiva é ensinada a cada um dos membros de uma sociedade ao longo do processo de aprendizagem linguística.

Quando o indivíduo fala, seu discurso é uma representação de sua ideologia. Por isso, afirma-se que o discurso é social e apresenta uma forma de se ver o mundo não do indivíduo, mas do grupo ao qual ele pertence.

Nesse sentido, como afirma Bakhtin (2004, p.123),

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato fisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Com o surgimento dos *blogs*, os produtores textuais expõem suas opiniões e deixam-nas abertas para discussão. Estabelece-se, então, uma prática pautada no diálogo. Nesse sentido, podemos recorrer, mais uma vez, a Bakhtin (2003), pois o filósofo russo afirma que a linguagem promove interação. Para ele, todo enunciado é uma resposta a um já-dito. E é exatamente isso que encontramos no *blog*: uma resposta para um já-dito em uma dada realidade.

Por meio da comunicação estabelecida entre os interlocutores do *blog*, caracteriza-se o movimento de interação social, em que os sujeitos constituem os seus discursos por meio da(s) palavra(s) alheia(s) de outro(s) sujeito(s), a(s) qual(is) ganha(m) significação no seu discurso interior e, simultaneamente, gera(m) as réplicas ao dizer do outro, que por sua vez vão mobilizar o discurso desse outro, e assim por diante. Dessa forma, a noção de interação verbal via discurso é gerada pelo efeito de sentido originado pela sequência verbal, pela situação, pelo contexto histórico-social, pelas condições de produção e de recepção, e também pelos papéis sociais desempenhados pelos interlocutores.

A dimensão dialógica para Bakhtin é onipresente, o que mostra que ela deve ser um dos focos principais na interpretação do texto. Encontramos o dialogismo mostrado (o qual se refere a todas as formas de representação que um discurso dá de outro, explicitamente, por meio de marcas textuais) e o dialogismo constitutivo (modo de construção do discurso por meio da incorporação de outros sobre o mesmo objeto, podendo ou não ser percebido como tal pelos sujeitos interlocutores).

Para Maingueneau e Charaudeau (2004, p.172), o termo discurso

Não adquire sentido a não ser no interior de um universo de outros discursos, através do qual ele deve abrir um caminho. Para interpretar

o menor enunciado, é preciso colocá-lo em relação com todos os tipos de outros, que se comentam, parodiam, citam. Cada gênero de discurso tem sua maneira de gerar as multiplicidades das relações interdiscursivas(...). O próprio fato de situar um discurso em um gênero (a conferência, o jornal televisado, ...) implica que ele é colocado em relação ao conjunto ilimitado de outros.

É preciso lembrar que a noção de *ethos*, segundo Maingueneau (2008), implica a observação da dimensão de todo o ato de comunicação, ou, mais precisamente, da enunciação. Pensar no *ethos* é pensar em uma noção essencialmente empírica. De acordo com Auchlin (apud Maingueneau, 2008, p.12), “o *ethos* responde a questões empíricas efetivas, que tem como particularidade serem mais ou menos co-extensivas ao nosso próprio ser...”

Na constituição do *ethos* interagem fenômenos de ordem muito diversa: os índices sobre os quais se apoiam os interlocutores, desde a escolha lexical até o planejamento textual, passando pelo ritmo e modulação. O *ethos* se elabora por meio de uma percepção complexa, mobilizadora de afetividade daqueles que participam da enunciação, que tira suas informações do material linguístico e do ambiente.

Nesse sentido, é possível pensarmos na relação *ethos* / *blog*, tendo em vista que o conteúdo do *blog* é produzido por pessoas interessadas em assuntos quaisquer, destinado a outras que compartilham do mesmo “interesse”, por isso, Mayfield (2008) os classifica como uma mídia social, ou seja, os *blogueiros* compartilham de características comuns. É característico, pois, dessa relação, o dialogismo, como apontamos anteriormente.

Por isso, é fundamental entender o discurso como o meio através do qual é possível compreender que a nossa participação nas mais diferentes esferas da vida social determina quem somos, como avaliamos o outro e como pensamos que esse outro nos avalia, desencadeando um processo ininterrupto de (re)construção do *ethos*.

O *blog*, por ser um gênero textual com conteúdo bastante pessoal, traz informações específicas, o que atinge um público mais limitado. No entanto, os participantes interagem com comentários, posicionamentos, pontos de vista em relação a um determinado fato. Ao postar sua mensagem no *blog*, o sujeito acaba por revelar sua identidade, o seu modo de ver a realidade e como se posiciona diante de um determinado fato. Sem dúvida, o *blog* acaba por revelar no discurso as práticas sociais, levando o interlocutor a construir uma imagem diante do outro num determinado contexto. À medida que essa imagem vai sendo construída, entrando em permanente

diálogo com o outro, abre-se um espaço para (re)construção de novas imagens do indivíduo face ao olhar do seu interlocutor.

Com o passar do tempo, os *blogs* assumiram novas funções. O que era constituído basicamente por uma exposição da vida pessoal – uma espécie de diário – anônima ou não, assumiu também um carácter jornalístico, no qual o autor opina sobre determinado fato em destaque na sociedade, ou ainda, o produtor textual passa a veicular notícias, o que tem revolucionado o fazer jornalístico, além de quebrar o monopólio da informação pela mídia convencional.

Nesse contexto, observamos que as pessoas ao postarem suas mensagens expressam sua ideologia. De acordo com Fiorin (2003), a ideologia acaba por explicitar uma ordem social, as condições de vida do homem, as relações que ele mantém com seus pares. O autor ressalta ainda que a ideologia está contida no social.

De acordo com Amossy (2005, p.9), “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”. Nosso estudo procura analisar a constituição do *ethos* presente no *blog* de Guilherme Scalzilli, seja do autor do *blog*, seja dos participantes do mesmo, por meio das postagens. Analisamos o *ethos* como um modo operacional, a fim de observar o modo de dizer de formações discursivas em confronto.

Em relação ao *ethos*, Maingueneau afirma:

Uma análise do discurso como eu a pratico não pode apreender o *ethos* da mesma maneira que uma teoria da argumentação, ou uma teoria do discurso de inspiração psico-sociológica (...). O importante, quando se é confrontado com essa noção, é, pois, definir por qual disciplina ela é mobilizada, com qual ponto de vista, e no interior de qual rede conceitual. (2005, p.71)

O *ethos* é um efeito do discurso. Ele se constitui em um elemento flutuante, como afirma Maingueneau (2005), uma vez que a partir da enunciação é que ele se configura. Assim, a noção de *ethos* é fundamentalmente discursiva, pois ele se constrói por meio do discurso, num processo interativo de influência sobre o outro. E é, ainda, híbrido, pois revela um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação sócio-discursiva. Refletir sobre o *ethos* é refletir sobre o processo da adesão do sujeito a um determinado discurso.

Como afirmamos, o discurso caracteriza-se por uma esfera predominantemente social. Assim, uma formação discursiva não é um espaço fechado; ela não pode ser buscada na sua relação consigo mesma, mas por uma análise que coloque em foco o

primado do interdiscurso, isto é, o que estrutura a análise é a relação de uma formação discursiva com outras formações discursivas com as quais dialoga e/ou polemiza.

De acordo com Bakhtin (1997), o sujeito constitui-se por um conjunto de relações sócio-históricas, propondo um entrelaçamento entre sujeito e objeto. O autor russo desenvolveu o conceito de dialogismo, cujo sentido é interpretado como o elemento que instaura a natureza interdiscursiva da linguagem na medida em que se refere ao permanente diálogo entre as diferentes vozes, que nem sempre é harmonioso.

Formações Discursivas, *Ethos* e *Blog*

Para observarmos a formação discursiva e a constituição do *ethos*, elegemos como objeto de estudo o *blog* de Guilherme Scalzilli, disponível no site da revista *Caros Amigos*. O autor é historiador e escritor, mas assume, na perspectiva do leitor, o *ethos* de um jornalista ao publicar artigos tanto na versão impressa da revista quanto em seu *blog*, no qual há um espaço, denominado “comentários”, para que os internautas dialoguem com seus textos.

O texto objeto deste estudo - um artigo de opinião postado por ele no dia 11 de junho de 2009 e quatro postagens comentando tal artigo, o qual traz como conteúdo um posicionamento por Guilherme Scalzilli em relação ao episódio que ocorreu na USP – o confronto entre estudantes e polícia do Estado de São Paulo, em junho de 2009.

Os gêneros, para Bakhtin (2003), têm uma forma relativamente estável, que os interlocutores reconhecem e usam. Vale lembrar que a linguagem só se realiza em gêneros. A linguagem é o meio pelo qual o ser humano socializa-se com o mundo em que está inserido. O autor russo evidencia que a consciência é engredada pelas relações que o ser humano estabelece com o outro no meio social, mediadas pela linguagem, e, conseqüentemente, por meio dos gêneros que se constituem em entidades sócio-discursivas e em formas de interação social.

É importante lembrar que, segundo Komesu (2005), ao se referir à amplitude e maneira de se expressar no *blog*, todo ato de linguagem será avaliado conforme o contexto social e cultural no qual o indivíduo está inserido, referindo-se ao sistema de faces. A noção de face é fundamental na análise de interações, uma vez que todo sujeito possui duas faces complementares – a negativa e a positiva – sendo que esta é a que se

procura manter ou mesmo melhorar. Assim, tanto a maneira de se expressar quanto a amplitude do conteúdo são “limitadas” para que se preserve a face positiva do sujeito.

O texto “Governando na porrada”, de Guilherme Scalzilli, caracteriza-se por artigo de opinião, uma vez que o autor expõe seu ponto de vista em relação ao conflito que aconteceu na Universidade de São Paulo, posicionando-se claramente contra a ação da Reitoria, o que já é revelado no título do artigo.

Podemos ressaltar, ainda, que o texto apresenta marcas da intertextualidade do *blog*, pois, no último parágrafo do texto, há *link* (como sugere a expressão a “alguém alertava”) para um texto, do próprio Scalzilli, no qual ele se posiciona radicalmente contrária a uma lei que proíbe, em São Paulo, o fumo em locais públicos.

Ele inicia o texto com a frase “Querem nos fazer acreditar...”, usando a 1ª. pessoa do plural, o que já sugere uma aproximação do leitor que está envolvido na situação a que se refere o autor. Este recurso acaba por revelar um *ethos* que deseja compartilhar sua indignação com tal postura da reitora que, segundo o autor, obedece à “prepotência desses burocratas demo-tucanos que destroem o Estado de São Paulo há décadas”. Na verdade, o texto serve de pretexto para criticar a política adotada pelo governo de São Paulo. Constrói, assim, um *ethos* em que se evidencia a face de “cidadão crítico” em relação à política nacional, com o uso de argumentos que demonstram conhecimento de causa, o que lhe proporciona credibilidade diante de seus leitores.

A imagem que é criada pelo discurso apoia-se em um conjunto difuso de representações sociais avaliadas positiva ou negativamente, em estereótipos que a enunciação contribui para confrontar ou transformar, como afirmar Maingueneau (2008). Scalzilli procura criar uma imagem negativa não só da reitora da USP, como também do próprio governador Serra. Ele deseja a adesão do leitor, buscando um escoramento recíproco entre a cena da enunciação e o fato que ocorreu na Universidade; o autor procura persuadir o leitor, fazendo com que este compartilhe de suas ideias e de seu posicionamento.

Como apontamos, o *ethos* não corresponde exatamente àquilo que o autor diz de si, mas à imagem que é criada durante a enunciação. É o dizer sem ter dito que possibilita a eficácia do *ethos*, seu poder de despertar a adesão de seu interlocutor, que é levado a se identificar com o discurso produzido, incorporando o modo de ver do autor. E é exatamente isso que Scalzilli procura fazer em seu texto.

A este artigo, foram postados 3 comentários – dois favoráveis ao articulista, um contrário, o qual provoca a intervenção de Scalzilli, gerando um posicionamento explícito do articulista, como demonstraremos. É possível inferir que nem sempre as pessoas que participam do *blog* são favoráveis às ideias dos autores.

O primeiro comentário se limita a concordar com as ideias de Scalzilli, visto que ele, por meio de um neologismo – “Tiranoserra” – explicita a característica tirânica do governador.

A postagem do outro interlocutor, que também concorda com Scalzilli, faz uso de uma expressão que resume seu olhar sobre o fato: “barbárie”. Ou seja, a atitude da reitora da USP é cruel, feroz, selvagem. Ainda retoma momentos históricos nos quais, para ele, a democracia também justificou a barbárie no Brasil.

O autor organiza sua estratégia discursiva em função de um jogo de imagens, a imagem que ele faz do *ethos* de seu interlocutor, levando este a acreditar na situação a que se refere. Na verdade, procura criar um efeito de verdade, valendo-se de adjetivos que envolvam o leitor, sensibilizando-o face ao autoritarismo da reitora que por meio dos “desmandos” e da ação de “tropa, munida de escudos e capacetes, montada em cavalos” reprime um protesto de professores e estudantes.

Observamos que o autor inicia o texto com uma narrativa-descritiva e, em seguida, argumenta que tal fato “seria cômico não fosse tão próximo e assustador”. Como afirma Maingueneau (2008), um locutor, ao produzir seu texto, procura ativar uma representação de si mesmo, a fim de controlá-la e persuadir o leitor.

O poder de persuasão de um discurso deve-se, em parte, ao fato de levá-lo a se identificar com o movimento de um corpo, seja ele esquemático ou investido de valores historicamente especificados.

O dialogismo, na concepção de Bakhtin (1992), é o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem, além de estabelecer a relação entre o eu e o outro. O artigo de Scalzilli, ao dialogar com a notícia de jornal, apresenta um caráter apreciativo, estabelecendo uma relação de sentido com o texto jornalístico.

Segundo Brait (1997), o dialogismo, na concepção bakhtiniana, pode ser interpretado como elemento que instaura a natureza interdiscursiva da linguagem, na medida em que diz respeito “ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, que existe entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade” (p. 98).

O comentário contrário à posição do articulista julga a intervenção como uma ação justificada da reitora da USP. Ele constrói a argumentação de maneira consistente. Para ele, a invasão “em qualquer lugar do mundo em que impere o estado de direito (...) é caso de polícia”.

As proposições deste comentário levaram Scalzillia, ironicamente, a intervir e a questionar as colocações de seu leitor. O *blog*, assim, torna-se um texto com pontos de vista distintos sobre um mesmo tema, o que caracteriza uma das formas do dialogismo bakhtiniano, como apontamos anteriormente. Instaura-se, na verdade, a representação das relações discursivas que se estabelecem entre o eu do articulista e o outro nos processos discursivos instaurados pelos sujeitos.

Considerações Finais

Como vimos, o *blog* se alimenta de comentários dos leitores. Mas, na produção digital, as informações são difundidas sem intervenções, diretamente do autor para o leitor (e vice-versa), diferentemente do que acontece com a resposta do leitor em jornais ou revista, quando, em geral, acontece horas ou dias após a postagem da mensagem original.

Bakhtin (1992) procurou delinear uma sociologia do discurso, chamando a atenção para o fato de que o discurso verbal, em qualquer esfera da vida, não pode ser compreendido fora da situação social que o engendra, não existindo isoladamente na medida em que participa do fluxo social em um constante processo de interação social e troca com outras formas de comunicação. E isso foi evidenciado no *corpus* que serviu de análise para este texto.

Vale lembrar a importância do texto (e, por consequência da linguagem e do discurso) numa perspectiva dialógica, em que ele é sempre o resultado do diálogo com outras vozes. Até mesmo no texto de Scalzilli, que motiva o posicionamento dos leitores e, por isso, a construção de uma imagem, apresenta-se como diálogo com outro texto, no caso, a notícia jornalística veiculada no jornal *Folha de S. Paulo*, em 10/06/2009.

O *blog* que se constituiu em *corpus* de nosso estudo evidencia alguns dos elementos que permeiam a teoria bakhtiniana, que entende a linguagem como processo de interação social, fundamentando-se em alguns princípios que procuramos explicitar em nossa análise: o diálogo com o outro, a unidade das diferenças (noção de que a

linguagem é heterogênea) e a discursividade (referente ao gênero do discurso, no caso, o *blog*).

Vimos que um dos atributos do *blog* é a possibilidade imediata de o leitor dialogar com o texto, dando visibilidade aos sujeitos que participam da interação e do dialogismo que caracteriza o texto. Ele é essencialmente dialógico, como verificamos nas postagens do *blog* de Scalzilli. Além do gênero dialogar com a própria realidade em que estão inseridos os sujeitos, o texto permite a presença de várias vozes em seu interior. Vozes que são citadas, comentadas, criticadas. O que confirma a proposição bakhtiniana sobre o caráter essencialmente dialógico e a constituição de um *ethos* que se mostra na produção textual, levando o leitor a criar uma imagem daquele que enuncia.

Referências

- AMOSSY, R. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, R. (Org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Trad. Dilson Ferreira da Cruz; Fabiana Komesu, Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005. p. 9-28.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1992.
- _____. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRAIT, B. Bakhtin e natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: _____ (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997. p.91-102.
- CHARAUDEU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e Ideologia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- Folha de São Paulo**. São Paulo. São Paulo, 10 de junho de 2009.
- KOMESU, F. C. *Blogs* e as práticas de escrita sobre si na Internet. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lacerda, 2005.
- MAINGUENEAU, D. Problemas de *ethos*. In: POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (Orgs.) **Cenas de enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008, p. 52-71.
- _____. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R. (Org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 11-29.
- MAINGUENEAU, D. Ethos e apresentação de si nos sites de relacionamento. In: POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (Orgs.) **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2008, p. 52-71.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2003.